

“Isso não vai tirar a feminilidade dela de forma alguma”: percepções de jovens mulheres sobre as relações de gênero na capoeira

*“This will not take away from her femininity in any way”:
perceptions of young women about gender relations in capoeira*

*“Esto no le quitará de ninguna manera su feminidad”:
Percepciones de las mujeres jóvenes sobre las relaciones de género en la
capoeira.*

George Almeida Lima¹ 

Daiane Grillo Martins² 

Fábio Júlio Serafim da Silva³ 

Flávio Py Mariante Neto⁴ 

Daniel Giordani Vasques² 

RESUMO

Objetivo: Este estudo objetivou analisar a percepção das mulheres sobre sua participação nas aulas de capoeira no município de Campos Sales/CE. **Metodologia:** Este estudo, de caráter qualitativo e exploratório, utilizou-se da entrevista semiestruturada enquanto recurso para coleta de dados. Participaram deste estudo, três mulheres, duas de 17 e uma de 18 anos, praticantes de capoeira em Campos Sales/CE. **Resultados e discussão:** a prática da capoeira em Campos Sales/CE possui singularidades que dificultam a inserção e permanência das mulheres, como: consolidação da masculinidade hegemônica, ausência de locais específicos, troca constante de professores, despesas inerentes às graduações e ausência de equipamentos. **Considerações Finais:** a inserção das mulheres na capoeira desencadeia maiores esforços para que possam inserir-se e manterem-se na capoeira, pois além de fatores estruturais, precisam negociar sua participação a partir da legitimação de posturas agressivas, buscando lutar “de igual para igual” com os(as) demais participantes.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Capoeira. Mulheres.

¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco; Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Porto Alegre - RS, Brasil.

³ Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, Escola Capitão Nestor Valgueiro de Carvalho, Floresta-PE, Brasil.

⁴ Universidade luterana do Brasil, Canoas-RS, Brasil.

Correspondência:

George Almeida Lima. Rua: João Severo Cortez, s/n, Centro, Campos Sales-CE, CEP 63150-000.
Email: george_almeida.lima@hotmail.com

ABSTRACT

Objective: This study aimed to analyze women's perception of their participation in capoeira classes in the municipality of Campos Sales/CE. **Methodology:** This study, of a qualitative and exploratory nature, used semi-structured interviews as a resource for data collection. Three women participated in this study, two aged 17 and one aged 18, practicing capoeira in Campos Sales/CE. **Results and discussion:** the practice of capoeira in Campos Sales/CE has singularities that make it difficult for women to enter and remain, such as: consolidation of hegemonic masculinity, absence of specific locations, constant change of teachers, expenses inherent to graduations and absence of equipment. **Final Considerations:** the inclusion of women in capoeira triggers greater efforts so that they can enter and remain in capoeira, as in addition to structural factors, they need to negotiate their participation based on the legitimization of aggressive postures, seeking to fight "as equals" with the other participants.

Keywords: Gender Studies. Capoeira. Women.

RESUMEN

Objetivo: Este estudio tuvo como objetivo analizar la percepción de las mujeres sobre su participación en clases de capoeira en el municipio de Campos Sales/CE. **Metodología:** Este estudio, de carácter cualitativo y exploratorio, utilizó entrevistas semiestructuradas como recurso para la recolección de datos. Participaron de este estudio tres mujeres, dos de 17 años y una de 18, practicantes de capoeira en Campos Sales/CE. **Resultados y discusión:** la práctica de la capoeira en Campos Sales/CE tiene singularidades que dificultan la entrada y permanencia de las mujeres, tales como: consolidación de la masculinidad hegemónica, ausencia de locales específicos, cambio constante de profesores, gastos inherentes a las graduaciones y ausencia de equipos. **Consideraciones finales:** la inclusión de las mujeres en la capoeira desencadena mayores esfuerzos para que puedan ingresar y permanecer en la capoeira, pues además de factores estructurales, necesitan negociar su participación a partir de la legitimación de posturas agresivas, buscando luchar "como iguales" con los demás participantes.

Palabras Clave: Estudios de Género. Capoeira. Mujeres.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre gênero reverberam-se em processos sociais, culturais e econômicos, engendrando-se em elementos que constituem as estruturas de poder. Connell (2016) destaca que a partir das disputas de poder produzidas na sociedade, o homem sempre esteve no centro desse processo, fato que contribuiu para a construção e padronização de condutas hegemônicas que consideram a agressividade, virilidade e dominação física como componentes predominantemente masculinos, idealizando-se padrões específicos de comportamento, compreendidos como masculinidade hegemônica.

A busca pela padronização de comportamentos masculinizados acarretou na exclusão das mulheres nas práticas corporais e na criação de dispositivos que hierarquizam as ordens de gênero, considerando os homens, a partir de uma percepção machista, como mais aptos, mais fortes e mais habilidosos que as mulheres. Essa idealização machista e misógina concebeu estereótipos de gênero, resultando em barreiras e limitações impostas às mulheres em relação ao seu envolvimento nas práticas corporais (Adelman, 2006).

Nesse sentido, tomamos a participação das mulheres na capoeira como *locus* deste estudo. A capoeira, compreendida como uma prática corporal que possui múltiplos significados histórico-culturais, é sinônimo de resistência às relações de poder arbitrariamente desenvolvidas no contexto social brasileiro (Araújo; Souza; Marani, 2022). Considerando-se sua relevância social, a capoeira foi reconhecida e alçada como um patrimônio imaterial brasileiro no ano de 2008 (Pertussatti, 2017).

Embora a capoeira venha se constituindo como uma prática corporal relevante no âmbito da cultura brasileira, emergem-se discussões sobre gênero que tensionam este entendimento. Lima, Macêdo e Millen Neto (2023) destacam que a inserção das mulheres no campo das lutas possibilita a criação de novas intelecções sobre a ideia do “ser mulher” lutadora, rompendo a ideia de feminilidade normativa, fato que corrobora para a subversão do estigma do sexo frágil.

Barbosa (2011) evidencia que a inserção e permanência das mulheres na capoeira possui desafios, pois a partir de uma visão machista e misógina, que considera a capoeira como um campo masculinizado, as mulheres são desencorajadas de realizar essa prática. Machado (2019), ao realizar uma análise documental em revistas de capoeira do ano de 2002 a 2008, salienta que existe maior número de fotos e notícias vinculadas aos homens em comparação às mulheres, comprovando que esse veículo midiático especializado em capoeira reforça o silenciamento das mulheres nessa prática.

Destarte, entendemos, na linha do que apresenta Stigger (2002), ao falar das práticas de lazer, que os grupos sociais se apropriam de maneiras específicas da capoeira, atribuindo-lhe sentidos e significados que consideram as percepções sociais, econômicas e culturais de tais grupos. Nesse sentido, o fato de a capoeira ser uma expressão corporal que combina elementos de luta, dança e música, amplia as possibilidades de codificação dessa manifestação corporal, aspecto que pode contribuir para o rompimento de barreiras, desconstruindo estereótipos de gênero (Fernandes; Silva, 2023).

Por conseguinte, a presença das mulheres na capoeira não é uma mera inclusão, mas sim uma afirmação de poder e resistência que tensionam esse campo. Ao quebrar barreiras de gênero, incluindo-se na capoeira, essas mulheres não apenas desafiam normas sociais, mas também contribuem para uma maior compreensão da capoeira como uma forma de expressão inclusiva e diversificada. A participação das mulheres na capoeira não só amplia os horizontes dessa prática corporal, mas também fortalece uma mensagem que tensiona a hierarquização de gênero, compreendendo essa prática como um espaço de empoderamento, auto expressão e superação (Araújo; Souza; Marani, 2022).

No mesmo sentido, Lima e Moura (2023) destacam que embora tensionamentos e problemáticas sobre a participação das mulheres na capoeira sejam evidentes, a inserção mulheres na capoeira tem acarretado no desenvolvimento de novas percepções que contrapõem a feminilidade normativa, rompendo a cristalização de preconceitos.

Alguns estudos se dedicaram a analisar a percepção das mulheres sobre as relações de gênero na capoeira. Martins *et al.* (2021) realizaram uma entrevista semiestruturada com uma mestra da capoeira de Florianópolis/SC. Os resultados apontam que as mulheres vivenciam diversas dificuldades para sua inserção e permanência na capoeira, como machismo e preconceito. Nesse sentido, há uma luta pela desconstrução de percepções preconceituosas e uma busca pela aproximação com espaços e realidades que envolvem a vivência na capoeira.

No mesmo sentido, Pereira e Marchi Júnior (2019) realizaram um estudo bibliográfico, buscando descrever a dinâmica de inserção e representação das mulheres na capoeira. Os autores salientam que as mulheres sofrem preconceitos ao buscarem se inserir na capoeira, desencadeando tensões e prejuízos à vivência plena das mulheres nesse campo. Todavia, quando as mulheres se inserem na capoeira, novas trajetórias são traçadas, ampliando, paulatinamente, sua participação nesse campo.

Corroborando com o exposto, Barbosa (2011), ao analisar a representação da mulher nas músicas de capoeira, assevera que a inserção da mulher nesse campo tem reconfigurado a prática da capoeira, a partir de negociações nas

rodas, grupos e academias. Quando as mulheres são incluídas nesses espaços, elas demonstram força e agressividade, rompendo-se a ideia da feminilidade normativa. Nesse sentido, a autora argumenta que as músicas que outrora desmereciam as mulheres estão sendo reduzidas de maneira gradativa, contribuindo para menores desigualdades nas relações de gênero.

A partir do exposto, destacamos que não foram encontrados estudos dedicados a entender as percepções das próprias mulheres sobre sua participação na capoeira, o que é o objeto deste estudo. Nesse sentido, o presente estudo foi desenvolvido no município de Campos Sales/CE, localizado na região do Cariri Oeste do estado do Ceará. Outrossim, buscamos questionar: qual a percepção das mulheres do município de Campos Sales/CE sobre sua participação nas aulas de capoeira? Quais as dificuldades e desafios para essa inserção e permanência? Esses questionamentos emanaram das problemáticas e tensionamentos que estão ligados à inserção das mulheres na capoeira. Desse modo, o presente estudo objetiva analisar a percepção das mulheres sobre sua participação nas aulas de capoeira no município de Campos Sales/CE.

MÉTODO

Este estudo, de caráter qualitativo e exploratório, utiliza-se de pressupostos interpretativos, compreendendo que as percepções apresentadas pelas entrevistadas possuem múltiplos sentidos que emanam a partir dos processos sociais, políticos e econômicos aos quais as participantes estão inseridas. Desse modo, surgem distintas interpretações para os diferentes indivíduos e grupos sociais (Gil, 2008).

Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada. Esse recurso possibilita ao(a) pesquisador(a) elaborar questionamentos a partir de suas hipóteses, todavia, esse recurso é flexível, permitindo que novos questionamentos possam ser realizados a partir das perguntas pré-definidas. Desse modo, o(a) pesquisador(a) pode ampliar os questionamentos, possibilitando maior densidade na coleta (Gil, 2008).

Segundo o que Manzini (2012) preconiza, o questionário aplicado foi construído previamente pelos pesquisadores e a pesquisadora e foi aplicado previamente a duas alunas de um programa *stricto sensu* de Pós-Graduação em Educação Física para verificar a consistência e entendimento das questões. A aplicação prévia do questionário buscou compreender possíveis lacunas no questionário. Desse modo, foi possível analisar o questionário com maior densidade e profundidade, eliminando possíveis lacunas nesse instrumento de coleta de dados.

Participaram deste estudo, três mulheres adolescentes, duas de 17 e uma de 18 anos (idade na época em que foram entrevistadas), ambas cursando o Ensino Médio na cidade de Campos Sales/CE, localizada ao sul do estado do Ceará⁵, a qual possuía, à época, cerca de 26 mil habitantes. As entrevistadas praticavam capoeira em um projeto voluntário que operou por cinco anos, entre interrupções por falta de apoio e pelas circunstâncias da pandemia da Covid-19. Na época da entrevista, o grupo estava inativo.

As participantes foram identificadas a partir de um recurso chamado bola de neve, no qual identificou-se uma praticante de capoeira e ela indicou outras participantes (Moura, 2021). Desse modo, foram identificadas cinco participantes mulheres, mas apenas três residiam no município de Campos Sales/CE. Embora tenhamos tentado, não conseguimos contato com as demais.

Inicialmente, as mulheres foram contactadas por ligação telefônica, em que foi explicado sobre a dinâmica do estudo. As entrevistas foram agendadas em uma escola pública do município de Campos Sales/CE, local em que as participantes foram entrevistadas. Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: (i) serem praticantes de capoeira. Foram critérios de exclusão: (i) se recusarem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas aconteceram no mês de fevereiro de 2023.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e enviadas às participantes, a fim de que pudessem confirmar as declarações apresentadas. Após a confirmação, os dados foram inseridos em uma matriz analítica, sendo analisados a partir da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2016), envolvendo três diretrizes: (i) pré-análise, (ii) exploração de material e (iii) o tratamento dos resultados. Desse modo, as unidades de análise foram agrupadas e as categorias foram elaboradas a partir da categorização por frequência, que considera a frequência de palavras e/ou termos apresentados. Em seguida, os dados foram organizados em duas categorias temáticas: (i) motivações para a prática da capoeira e (ii) representações de gênero e capoeira.

Todas as participantes concordaram em participar do estudo e assinar o TCLE. O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Regional do Cariri com CAAE: 64954022.2.0000.5055 aprovado pelo parecer de número 5.865.500. Foram utilizados os pseudônimos Ana, Cláudia e Bárbara para se referir às capoeiristas.

⁵ Ressaltamos que, segundo estudo publicado no ano de 2022, no estado do Ceará, a violência contra a mulher encontra-se em ascensão, especialmente nos anos da pandemia da Covid-19, impactando a vida em sociedade, de forma direta, a vida das mulheres (Chagas; Oliveira; Macena, 2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

MOTIVAÇÕES PARA A PRÁTICA DA CAPOEIRA

A capoeira possui múltiplos significados que se consolidaram ao longo de sua inserção no acervo histórico-cultural brasileiro. Embora essa prática tenha uma lógica interna específica e elementos tradicionais que consolidaram suas bases epistemológicas no Brasil, ela recebe influências de diversos grupos sociais que apresentam “novas” formas de apropriação dessa prática, podendo estar ligada ao lazer, competição, defesa pessoal, saúde, estética, performance, etc. Nesse sentido, buscamos compreender as motivações das participantes para sua inserção na capoeira, questionando-as sobre qual seu primeiro contato com a capoeira.

Meu tio é professor de capoeira, aí ele me levou pra uma aula, gostei, comecei a participar, mas os grupos estão todos parados (Ana, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

É, no tempo, eu estava passando por uma situação bem difícil, a depressão. E encontrei na arte marcial, uma forma de me encontrar, e acabou que a capoeira trouxe além de tudo aprendizado, né? Sem falar que na defesa pessoal, que eu poderia me defender, eu sempre tive o intuito, né? Minha mãe foi vítima de violência doméstica e sempre tive esse intuito de ser uma mulher que saiba se defender. E a arte marcial, tipo, me proporcionou, além de uma cultura, né? Um aprendizado amplo, me ensinou a me defender, entendeu? (Cláudia, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Eu vi muito os meninos participando depois da educação física, eu sempre vi o pessoal participando da aquilo e desenvolveu um interesse grande pra saber o que era direito, como é que funcionava, foi onde surgiu a grande vontade de praticar (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Podemos perceber distintas motivações das participantes para sua inserção nas aulas de capoeira. Essas motivações consideram as percepções socioculturais de cada participante, estando ligadas às experiências de vida de cada uma. Apenas a participante Ana sofreu influências familiares para inserir-se na capoeira. Cláudia salientou que violência doméstica sofrida pela mãe, que acarreta a sensação de insegurança da mulher, fez com que ela pudesse perceber na capoeira, um caminho para autodefesa diante de situações de violência. Bárbara, por sua vez, inseriu-se na capoeira a partir de sua curiosidade em aprender uma modalidade praticada majoritariamente por homens.

Corroborando com o exposto, Fernandes (2019) destaca que a prática das atividades de combate muitas vezes supera a execução de elementos técnico-táticos, apresentando subsídios que potencializam o desenvolvimento dos(as) participantes a partir de vivências específicas que se engendram ao campo social ao qual estão inseridos(as).

Com reforço, Lima e Maia (2021) salientam que a prática das lutas está envolta por elementos sociais e filosóficos como respeito, ética, moral e disciplina, e quando os(as) participantes compreendem e se apropriam desses elementos, podem modificar seu comportamento de maneira positiva, reduzindo a agressividade e auxiliando na formação do caráter.

Potulski e Jacondino (2018) asseveram que a capoeira tem suas bases epistemológicas constituídas a partir de uma luta social por melhores condições de vida, considerando a utilização do corpo como um elemento de oposição ao colonialismo. Outrossim, a prática da capoeira apresenta elementos que se subscrevem aos movimentos e técnicas corporais, contribuindo para a ressignificação dessa prática a partir de elementos que potencializam a formação ética e moral dos(as) praticantes.

Nesse sentido, a percepção de Cláudia sobre a prática da capoeira apresenta elementos que superam a dimensão técnico-tática. Embora a participante buscasse, de maneira inicial, a defesa pessoal, motivada pela violência doméstica sofrida pela mãe, ela destacou que a capoeira traz aprendizados mais amplos, configurando-se como uma oportunidade para “se encontrar”. A participante apresenta elementos como: aprender uma nova cultura e a aquisição de novos aprendizados, como elementos que a ajudaram a superar o quadro de depressão que se encontrava. Nesse sentido, capoeira se configurou como um elemento fulcral para o desenvolvimento integral da participante Cláudia.

Bárbara, por sua vez, também foi motivada por aspectos que superam a execução exclusiva dos elementos técnico-táticos, buscando entender “como é que funcionava” as dinâmicas que envolvem a prática da capoeira. Dessa maneira, a participante busca compreender a lógica interna do grupo de capoeira, buscando compreender as nuances ligadas ao desenvolvimento dessa prática. Ana parece ter maior familiarização com a capoeira, uma vez que seu tio é praticante e a levou para conhecer essa prática. Esse fato pode desencadear maior apoio a praticante, contribuindo para sua permanência no grupo.

A fala de Ana, afirmando que os grupos estão parados, fez com que as participantes fossem questionadas se estavam ativas na prática da capoeira.

Os grupos estão parados. Eu acho que parou porque literalmente não tinha muitas condições de manter o grupo, porque não tinha condições das graduações e geralmente eram os alunos ou os professores que arcavam com a graduação (Ana, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Estou estudando pro concurso da polícia, estou terminando o ensino médio, então é uma coisa muito... entendeu? Aí tem que treinar pro concurso da polícia, escola. E o grupo nem tá ativo, inclusive joaninha, aquele o moreninho daqui (porteiro da escola), ele que é professor de capoeira (Cláudia entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Vamos dizer assim: os dois, porque tem semana que eu treino, mas tem semana que como o meu tempo está muito curto, não tem como eu treinar, aí eu passo duas semanas sem treinar, aí eu treino dois dias em uma semana, está meio difícil por conta das aulas (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Podemos perceber que as participantes apresentam alguns elementos que se configuram como empecilhos para sua motivação e permanência nas aulas de capoeira. Ana dá ênfase aos *déficits* nos aspectos estruturais da capoeira do município. Cláudia salienta que o tempo dedicado aos estudos impossibilitou sua continuidade na capoeira. Ela também destaca que o grupo não está ativo. Bárbara, por sua vez, também apresenta que sua participação é impactada negativamente por conta das aulas na escola.

Dessa maneira, compreendemos que as práticas de lutas também devem ser desenvolvidas no campo escolar, possibilitando múltiplas vivências dos elementos que constituem a cultura corporal (Lima; Fabiani, 2023). E a capoeira, compreendida como um patrimônio imaterial brasileiro, deveria ser desenvolvida nas aulas de Educação Física das escolas as quais as participantes estão vinculadas, o que ampliaria seus conhecimentos e sua vivência sobre essa prática corporal.

Outrossim, a partir da fala de Bárbara, dissonante de Ana e Cláudia, no que concerne a funcionalidade do grupo, questionamos a participante se o grupo está ativo.

Não tecnicamente, porque a gente está sem espaço pra treinar. Estávamos treinando na pista de skate, e não é sempre que a pista está desocupada, muitas vezes temos que esperar os skatistas saírem para treinar, e o espaço também é pequeno, aí a gente não desenvolve um treino muito bom, aí faz lá só pra não ficar no esquecimento (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Isso posto, percebemos que nem todos(as) os(as) participantes realizam esses treinos, é apenas um paliativo para que alguns(mas) participantes continuem a treinar capoeira. O fato de esses treinos serem desenvolvidos em um espaço inadequado para a prática da capoeira, uma vez que a pista de skate possui ondulações que podem lesionar os(as) participantes, pode desencadear o desinteresse dos(as) próprios(as) alunos(as) e baixa visibilidade da capoeira no município.

Destarte, podemos perceber uma baixa estruturação da capoeira em Campos Sales/CE, o que nos fez questionar sobre o possível apoio que elas recebiam para praticar capoeira.

Eu não tinha muito apoio. Nem cheguei a me graduar porque foi bem no tempo que a academia parou, mas eu tinha o meu tio que, como eu te falei, ele é professor e ele estava à disposição a hora

que fosse pra me graduar. E tinha a questão do espaço também. As aulas aconteciam só nos finais de semana, mas falhava alguns treinos quando não tinha local. Não tinha um local fixo, sempre mudava (Ana, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Não tinha apoio, eu fazia era por mim, é abadá, abadá é era minha calça, a corda, eu tinha que pagar minha graduação, eu tinha que pagar tudo, então era tudo sobre minha responsabilidade (Cláudia, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Nosso grupo não tinha apoio, a gente começou através de Borges [professor] aí a gente entrou e tudo, e ele sempre tentava correr atrás de patrocínio, dessas coisas pra a gente se desenvolver. Foi quando veio a nossa primeira graduação. Puxando esse assunto, ele conseguiu apoio de pessoas da prefeitura e deu para ajudar um pouco na nossa graduação (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

A fala da participante Bárbara foi dissonante das demais participantes, no que concerne ao apoio recebido. Nesse sentido, a questionamos sobre qual seria essa contribuição que o grupo havia recebido.

Foi com a passagem e a hospedagem do pessoal que veio fazer a graduação. Mas por conta da pandemia, a gente deu uma parada. O grupo que a gente estava acabou, aí veio outro grupo, com outro professor, muitas pessoas saíram, aí não teve estímulo para continuar 100% (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Podemos perceber que os grupos de capoeira tinham pouco apoio no município de Campos Sales/CE, já que as participantes precisariam arcar com os eventuais custos da prática da capoeira, fato que pode desmotivar as participantes, dirimindo possíveis inserções de demais praticantes.

Além dos impactos negativos relacionados às questões financeiras, podemos destacar a ausência de espaços específicos para a prática da capoeira, contribuindo para a redução da motivação de todos(as) os(as) participantes, como relatado por Ana, que destaca que não havia um local fixo e o local das aulas sempre mudava; e por Bárbara, que ressalta que as aulas eram desenvolvidas na pista de skate.

Apesar das dificuldades encontradas, como troca de professores, troca constante de locais e períodos de inatividade, fatores que contribuíram para que os grupos não tivessem uma trajetória linear, as participantes ficaram ativas nos grupos durante um período de cinco anos. Nesse sentido, elas foram questionadas sobre suas motivações para a permanência nas aulas de capoeira.

Minha maior motivação foi meu tio, que sempre queria me levar para as aulas de capoeira e tinha muita paciência para me ensinar. Acho que se não fosse ele, eu nem teria entrado (Ana, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

O fato de eu ter incentivado muitas meninas que me viam lutar, principalmente pelo fato de eu estar num ambiente que era muito machista, né? E muitas meninas viam que eu podia lutar, eu podia aprender, eu podia me defender e também se sentiam incentivadas e viam aquilo e queriam continuar treinando, e quando me viam em roda de capoeira com homens que muitas vezes me subestimavam e eu conseguia dominar aquela luta, eu, poxa, eu quero ficar aqui, entendeu? Eu sentia um poder enorme, me realizava enquanto mulher, por que eu me sentia muitas vezes subestimada, e quando eu ia treinar, eu treinava, focava e eu ia pra roda de capoeira e eu via meu desenvolvimento, eu dizia, eu estou no caminho certo. Então, isso me fez continuar (Cláudia, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Tipo assim, quando eu entrei na capoeira, eu entrei com motivo de conhecer, e quando eu, tipo assim, quando eu entrei, eu vi que era uma coisa que eu me sentia bem, me sentia em casa, as meninas se apoiavam bastante. Foi quando eu comecei a praticar e aquilo começou a me interessar bastante (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Podemos perceber distintas motivações para a permanência das participantes na capoeira. Ana salienta que sua principal influência foi seu tio. Cláudia apresenta elementos mais amplos, como o sentimento de perseverança e superação de limites. A participante reconhece a capoeira como um espaço machista, mas apesar dessa dinâmica misógina e excludente, que opera em diversos grupos de luta, Cláudia quer mostrar sua força, buscando lutar de “igual para igual” com os e as demais participantes, buscando motivar as demais mulheres a permanecerem e empoderar-se nas aulas de capoeira. Bárbara, por sua vez, apresenta um sentimento de acolhimento do grupo, uma vez que a participante destaca que “se sentia em casa”, principalmente pelo apoio das demais mulheres.

A fala de Cláudia, que busca motivar outras mulheres para a prática da capoeira, corrobora com os achados de Araújo, Souza e Marani (2022), que ao realizarem um estudo autoetnográfico junto ao Grupo Abadá Capoeira no Vale do Araguaia/MT, salientam que por ocasião de preconceito sofrido pelas mulheres na prática da capoeira, foi desenvolvido o X Evento Encontro Feminino de Capoeira no estado do Rio de Janeiro, que reuniu mulheres de vários estados do país. Esse evento objetivou acolher as mulheres e propiciar sua participação na capoeira a partir de uma coesão interna dos grupos de mulheres, em que elas se ajudavam mutuamente na troca de experiências relacionadas a essa prática.

Nesse sentido, podemos constatar um sentimento de pertencimento que representa uma coesão interna do grupo de mulheres, fator que contribui para sua permanência no grupo. Essa codificação reforça a importância da construção de uma identidade de luta que busca superar as adversidades que envolvem a inserção da mulher em um campo predominantemente masculinizado.

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E CAPOEIRA

Para falarmos das mulheres capoeiristas de Campos Sales, no que tange às representações de gênero, é importante traçarmos dois aspectos interpretativos. Primeiro, a contextualização histórica das mulheres na capoeira. Para isso, é necessário considerar os acontecimentos considerando os processos de longa duração, que abarcam o desenvolvimento de várias gerações, contextualizados no plano histórico ao longo do curso social (Elias, 1994).

Mesmo com o aumento na inserção de mulheres na capoeira, ganhando projeção a partir dos anos 1990, essa prática ainda é majoritariamente praticada por homens. Isso também acontece com outros esportes que se constituíram por homens e para homens, tais como o futebol, o skate e diversas modalidades de lutas, já que no Brasil, até o século XIX, às mulheres não era permitida a participação em alguns ambientes, como as práticas corporais (Goellner, 2005).

Mulheres só começaram a ter acesso datado às práticas corporais a partir de meados do século XIX, sendo proibidas, durante o governo militar, de realizar atividades, consideradas violentas, como as lutas, artes marciais e esportes de combate. A proibição, que durou quase quarenta anos, se pautava no discurso de incompatibilidade com a natureza da mulher, através de concepções de feminilidade normativa, que manifesta elementos associadas à beleza e à maternidade (Goellner, 2003).

Cabe ressaltar que por mais de três décadas, a capoeira também foi criminalizada e que embora sua descriminalização tenha ocorrido durante o Governo Getúlio Vargas, nesse período às mulheres estava vedada a legalidade da prática de lutas. Portanto, nos registros dessa época, mulheres aparecem no cenário da capoeira como função de apoio logístico à prática dos homens. Mas como no universo das práticas corporais as transgressões também existem, algumas mulheres, mesmo sendo proibidas, não deixaram de praticar a capoeira, se configurando na exceção (Goellner, 2003; Pereira; Marchi Júnior, 2019).

No contexto do grupo de Campos Sales/CE, as entrevistadas mencionam que existiam poucas meninas no grupo e, embora Cláudia se considere exemplo para o ingresso de outras mulheres no grupo, por ter incentivado meninas que a viam lutar, a mesma comenta que as poucas mulheres que lá estavam (umas cinco) foram abandonando o grupo, permanecendo somente ela e mais duas. Assim, podemos considerar que mesmo que exista uma ou mais referências femininas no grupo, isso não foi o suficiente para um aumento significativo inserção de mulheres e tampouco para a permanência de todas.

Figueroa e Silva (2016) apontam como limitação para a presença do público feminino na capoeira, o entendimento de que mulheres não devem praticar capoeira porque isso pode deixá-las menos femininas. Há aqui a afirmação de

um discurso voltado ao padrão hegemônico de feminilidade, que operou para a proibição de práticas de lutas para as mulheres no século passado, e que ainda é um impedimento para inserção de mulheres na capoeira. Uma das capoeiristas, quando questionada sobre o que poderia ser feito para que o espaço da mulher fosse ampliado, tece sua crítica, nos remetendo ao entendimento das diversas formas de feminilidade:

Tem mulheres que, como eu falei, têm a mente fraca, entendeu? E não suporta, é sensível, é delicada e sim, a mulher pode sim ser delicada e ela pode sim querer... querer... É saber uma arte marcial, poder se defender e isso não vai tirar a feminilidade dela de forma alguma (Claudia, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

O que expomos, através da fala de Cláudia, é que mulheres são plurais, já que a constituição das mulheres está para além de uma distinção binária homem x mulher, carregada da afirmação da diferença entre as mulheres. Dessa forma, não há um "ser feminino", mas diversas feminilidades que operam na constituição de sujeitos mulheres (Louro, 1997). Contudo, o discurso de padrão hegemônico de feminilidade ainda está fortemente polarizado no senso comum, invisibilizando a pluralidade existente em cada um dos polos (Louro, 1997), o que impede a maior inserção de mulheres na capoeira. Essa percepção também é possibilitada pela fala de Ana, ao relatar que um dos discursos preconceituosos que ela enfrentou quanto à prática da capoeira é "vai virar machão". Assim, o que foge do padrão hegemônico propiciado pela prática de uma luta, é estigmatizado.

Encontramos aqui, também o discurso heteronormativo que associa diretamente gênero e sexualidade, quando Claudia menciona que sofria muito por ser chamada de lésbica porque treinava capoeira, jiu-jitsu, muay thai. Para ela, as pessoas pensavam "nossa, essa menina só faz coisa de homem" (Claudia, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Entendemos que o discurso que polariza o feminino e o masculino demarca o que é lugar de "macho", do masculino e o que é lugar para mulher, sendo a capoeira um lugar para homens, que pode masculinizar o corpo e o comportamento das mulheres e torná-las homossexuais. Esse discurso pode se configurar ainda como uma barreira para mulheres praticarem capoeira no contexto investigado. Assim, a prática da capoeira segue operando como ambiente de dominação masculina.

Nesse contexto, uma das entrevistadas é interpelada pela relação de poder, ao referir sobre o que pode ser feito para o aumento da participação de mulheres, citando que é preciso "os homens se policiarem em relação à tipo, não, eu vou dar oportunidade de ela praticar a arte dela, entendeu?" (Cláudia, entrevista cedida em 20 ago. 2023). Como a sujeição "consiste precisamente nessa dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa ação" (Butler, 2019, p. 10),

consideramos que mesmo a participante tendo um olhar crítico para o machismo, reconhecendo seus efeitos, ela recorre à dominação masculina. Na sua perspectiva, cabe ao homem conceder oportunidades às mulheres na capoeira. Essa percepção errônea é fruto de um machismo estrutural que se incorpora no campo social, constituindo dinâmicas sociais que hierarquizam as demarcações de gênero. Por conseguinte, a percepção da participante precisa ser contraposta, potencializando a adoção de intelecções contra hegemônicas.

Quando o gênero masculino opera como referência da prática da capoeira, as capacidades físicas de virilidade, tais como força e resistência muscular são características que atuam na demarcação do domínio do homem e da fragilidade da mulher. Volks (2021), ao tratar do discurso de uma “nova masculinidade” em revistas dos anos de 1980, refere que “a ideia de virilidade é construída socialmente e se relaciona com aspectos temporais, econômicos, culturais e, principalmente, com as relações de poder” (p. 3).

No contexto investigado pelo autor, a nova noção de virilidade não trazia mais como referência a força física, mas o galanteio e a conquista, o que contempla diversificadas formas de masculinidades e de dominação masculina, já que, o poder nem sempre se apresenta coercitivo e possui variadas formas (Foucault, 1996). No entanto, quando tratamos de um cenário de luta, que envolve dominações concretas de força física, a virilidade ainda é sinônimo de brutalidade e força física.

Em Campos Sales/CE, através da fala de Bárbara, podemos perceber que o não lugar da mulher está permeado por discursos externos e internos ao convívio de quem pratica capoeira. A capoeirista afirma que seu pai não quis deixá-la entrar na capoeira, pois “dizia que isso era coisa de homem. Vai fazer capoeira? Só tu de mulher no meio de um monte de homem?” (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023). Dentro do grupo, pelos capoeiristas homens, a presença das mulheres também era questionada:

Muitas das vezes ficava falando assim, ‘ah o que vocês estão fazendo aqui?’ Aí quando o professor ia colocar um menino contra uma menina na roda de capoeira, muitas vezes os meninos não queriam ir, achavam que as meninas eram mais fracas do que eles (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Como onde há poder, há resistência (Foucault, 1996), a capoeirista, mesmo questionada pelo pai, que tinha sua verdade discursiva sobre a capoeira, estabeleceu seus enfrentamentos para começar a praticar capoeira.

Aí veio aquela questão de você enfrentar o seu pai, que foi o que eu fiz, com o meu. Eu falei; “oxe, mas o que é que tem? A capoeira não é só pra homem não, e tem mais mulheres também” (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Ao tratarmos de mulheres em contextos de predominância masculina, Costa (2007) aponta que torcedoras de futebol precisavam e ainda precisam resistir contra a discursos de que mulheres e futebol atuam em campos opostos, tendo que comprovar saberes sobre esta prática que são de domínio masculino. Podemos dizer que esse tipo de legitimação também acontece com as capoeiristas de Campos Sales/CE, que precisam provar que sabem lutar e que conseguem aprender e aplicar os golpes da capoeira, já que:

A mulher tem que ter a mente forte, vai ter homem que vai dizer que você não pode por que você é mulher, entendeu? Te subestimar em roda de capoeira, tipo, tentam derrubar a mulher na roda (com golpes mesmo), pra ela ver que não pode estar lá (Claudia, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Podemos dizer que nas malhas do poder, seja pela interpelação, seja pela produtividade discursiva, "sujeição" significa tanto o processo de se tornar subordinado, quanto o de se tornar "sujeito" (Butler, 2019). Logo, quando estas mulheres estabelecem suas resistências no universo da capoeira, também se consideram sujeitos que servem como exemplos às outras mulheres, frente à dominação masculina, sendo inclusive, uma motivação para Claudia permanecer na capoeira, conforme constatamos na sua fala:

O fato de eu ter incentivado muitas meninas que me viam lutar, principalmente pelo fato de eu estar num ambiente que era muito machista, né? E muitas meninas viam que eu podia lutar, eu podia aprender, eu podia me defender e também se sentiam incentivadas e viam aquilo e queriam continuar treinando (Cláudia, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Bárbara também menciona que os questionamentos e críticas por ser uma mulher jogando capoeira foi um dos motivos que lhe deu mais vontade de participar e mostrar sua força. Essa motivação também foi citada por Cláudia: "quando me viam em roda de capoeira com homens que muitas vezes me subestimavam e eu conseguia dominar aquela luta" (Claudia, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

Por fim, destacamos a fala de Bárbara, que mesmo substanciando sua resistência para o ingresso e permanência na capoeira, como o enfrentando a seu pai e outras pessoas que diziam que não era uma prática para mulher, ela não considera preconceito nas falas de seus colegas de grupo. A capoeirista refere que quando "batia" nos meninos, eles lhe falavam "vai virar machão". Bárbara alega que não se sentia desrespeitada, pois tinha uma amizade com os colegas de grupo e entendia aquilo como brincadeira, não levando isso a sério.

O que percebemos em sua fala, podemos entender como traços do machismo estrutural, que perpassa a sujeição de mulheres. Já que o poder é produtor de discursos, saberes e verdades (Foucault, 1996), frequentemente a dominação não é identificada na relação entre mulheres e homens. Isto pode

acontecer quando discursos de sujeição são absorvidos de forma sutil, na piada, na brincadeira, na relação de afetividade, se naturalizando na verdade de que “tem que saber diferenciar o que é preconceito e o que é brincadeira” (Bárbara, entrevista cedida em 20 fev. 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou analisar a percepção das mulheres sobre sua participação nas aulas de capoeira no município de Campos Sales/CE. Destacamos que a prática da capoeira em Campos Sales/CE é marcada por dinâmicas que envolvem a masculinidade hegemônica, menosprezando a participação de mulheres na capoeira, a partir da ideia de fragilidade feminina, fato que contribuiu para o afastamento dessas mulheres nessa prática corporal.

Todavia, evidenciamos que os tensionamentos sobre a prática da capoeira no município de Campos Sales/CE não são exclusivos sobre as dinâmicas de gênero, aspectos estruturais também impactam negativamente na participação das mulheres na capoeira, como (i) ausência de locais específicos, (ii) troca constante de professores, (iii) despesas inerentes às graduações e (iv) ausência de equipamentos específicos.

No que concerne a vivência das mulheres na capoeira, podemos inferir que a coesão interna das mulheres no grupo constrói símbolos de pertencimento que consideram as subjetividades e particularidades de cada mulher, configurando-se como um elemento que valida e reforça sua participação. Desse modo, as conexões entre as mulheres corroboram para o fortalecimento de uma luta histórica pelo rompimento da hierarquização entre gêneros e consequentemente maior acessibilidade das mulheres na prática da capoeira.

Concluimos que a inserção das mulheres na capoeira desencadeia maiores esforços para que possam inserir-se e manterem-se na capoeira, pois além dos *déficits* nos aspectos estruturais, elas precisam negociar sua participação nesta prática a partir da legitimação de posturas agressivas, buscando lutar “de igual para igual” com os(as) demais participantes.

Embora o estudo proposto busque discutir sobre gênero e capoeira, ampliando as reflexões sobre as dinâmicas de gênero, este estudo apresenta limitações como: (i) número reduzido de participantes (três). Todavia, esperamos que as discussões postas possam contribuir para o desenvolvimento de tensionamentos e reflexões que subvertam as percepções machistas e misóginas sobre as mulheres nos esportes.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores não têm conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

Os autores declaram que participaram de forma significativa na construção e formação desde estudo, tendo, enquanto autor, responsabilidade pública pelo conteúdo deste, pois, contribuíram diretamente para o conteúdo intelectual deste trabalho e satisfazem as exigências de autoria.

George Almeida Lima - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Coleta e tratamento dos dados (responsável pelos experimentos, pacientes, organização dos dados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Daiane Grillo Martins - Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

Fábio Júlio Serafim da Silva - Desenho metodológico (planejamento dos métodos para gerar os resultados); Análise / interpretação (responsável pela análise estatística, avaliação e apresentação dos resultados); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito).

Flávio Py Mariante Neto - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Levantamento da literatura (participou da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

Daniel Giordani Vasques - Concepção e desenvolvimento (desde a ideia para a investigação ou artigo, criou a hipótese); Supervisão (responsável pela organização e execução do projeto e da escrita do manuscrito); Levantamento da literatura (participou

da pesquisa bibliográfica e levantamento de artigos); Redação (responsável por escrever uma parte substantiva do manuscrito); Revisão crítica (responsável pela revisão do conteúdo intelectual do manuscrito antes da apresentação final).

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. *Movimento*, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2889>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- ARAÚJO, Pâmela Figueiredo Barbosa; SOUZA, Mauro José; MARANI, Vitor Hugo. Corpo, Gênero e Capoeira: Experiências Autoetnográficas a partir dos Estudos Culturais Físicos. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 25, n. 1, p. 343-368, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2022.39109>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. A representação da mulher nas cantigas de capoeira. *Portuguese Literary and Cultural Studies*, v. 19/20, p. 463-477, 2011. Disponível em: https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/article/download/PLCS19_20_Barbosa_page463/1041/3871. Acesso em:
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- CHAGAS, Elisângela Rodrigues; OLIVEIRA, Fernando Virgílio Albuquerque de; MACENA, Raimunda Hermelinda Maia. Mortalidade por violência contra mulheres antes e durante a pandemia de Covid-19. Ceará, 2014 a 2020. *Saúde em Debate*, v. 46, n. 132, p. 63-75, jan./mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213204>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- COSTA, Leda Maria. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e sociedade*, v. 2, n. 4, nov./fev. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/download/48008/27916/164632>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Tradução: Marília Moschkovich. São Paulo: Nversos, 2016.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERNANDES, Carla Cristiane; SILVA, Paula Costa. Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP. *Educação Física em Revista*, v. 2, n. 2, 2008. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/efr/article/view/975>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- FERNANDES, Felipe Araújo. Desafiando os problemas: um diálogo entre filosofia, educação e artes marciais. *Ítaca*, n. 34, p. 145-170, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/28182>. Acesso em: 18 ago. 2023

- FIGUERÔA, Kátiuscia Melo; SILVA, Marcelo Moraes. Impressões Femininas Sobre a Presença da Mulher na Capoeira. *The Journal of the Latin American Socio - cultural Studies of Sport (ALESDE)*, v. 4, n. 2, p. 16 - 31, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas, 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*, v. 8, n. 1, p. 85 - 100, 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/87003>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. *Labrys - estudos feministas*. n. 4, ago./dez. 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/silvana1.htm>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- LIMA, George Almeida; MOURA, Diego Luz. A percepção de professores de capoeira sobre a participação das mulheres nas aulas de capoeira: um estudo no município de Campos Sales/CE. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 16, n. 48, 2023.
- LIMA, George Almeida; MAIA, Francisco Eraldo da Silva. Os impactos da arte marcial no comportamento dos seus praticantes. *Revista Interfaces: Saúde, humanas e tecnologia*, v. 9, n. 2, p. 1098-1104, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.16891/2317-434X.v9.e2.a2021.pp1098-1104a>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- LIMA, George Almeida, MACÊDO, Christiane Garcia, MILLEN NETO, Álvaro Rego. Reflexões sobre a participação das mulheres no campo das artes marciais e as representações de gênero incutidas nesse processo. *Revista Cocar*, v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7138/3020>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- LIMA, George Almeida; FABIANI, Débora Jaqueline Farias. Reflexões sobre o ensino das lutas na escola a partir das dimensões do conteúdo: uma revisão integrativa. *Motrivivência*, v. 35, n. 66, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e90670>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós - estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MACHADO, Jeferson do Nascimento. Mulheres e homens no campo da capoeira: desigualdade de gênero na revista praticando capoeira. *Revista Destaques Acadêmicos*, v. 11, n. 2, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v11i2a2019.2236>. Acesso em: 18 ago. 2023.
- MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. *Revista Percurso*, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.
- MARTINS, Samara Escobar; LUIZ, Maria Eduarda Tomaz; FRANZONI, Wihanna de Castro Cardozo; TAVARES, Lais Mendes; MARINHO, Alcyane. Um olhar feminino sobre a mestria e a participação da mulher na capoeira da grande Florianópolis. *LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 24, n. 1, p. 385-

407, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.31340>. Acesso em: 18 ago. 2023.

MOURA, Diego Luz. *Pesquisa Qualitativa: um guia prático para pesquisadores iniciantes*. Editora CRV, 2021.

PEREIRA, Tatiane de Assis; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. "Capoeiras": a representação da mulher nessa arte-luta brasileira. *Pensar a Prática*, v. 22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v22.53601>. Acesso em: 20 jul. 2023.

PERTUSSATTI, Marcelo. Capoeira: diálogo de saberes como possibilidade de valorização da (s) identidade (s) afro-brasileira (s) e do patrimônio imaterial. *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 3, 2017. <https://doi.org/10.23899/relacult.v3i3.518>. Acesso em: 18 ago. 2023.

POTULSKI, Aleksandra Aline; JACONDINO, Eduardo Nunes. Arte marcial, corpo e cuidado de si:(re) significações na prática da capoeira. *SEPE-Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS*, v. 8, n. 1, 2018. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SEPE-UFFS/article/view/8284>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SOUZA, Juliana; FRANCO, Laércio Claro Pereira. As resistências culturais enfrentadas pela mulher no âmbito das modalidades de lutas. *Motrivivência*, v. 33, n. 64, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021e77006>. Acesso em: 20 jul. 2023.

STIGGER, Marco Paulo. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

VOLKS, Douglas Josiel. Virilidade e os discursos masculinistas: um "novo homem" para a sociedade brasileira. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 37, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21204a>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Recebido em: 26 ago. 2023

Aprovado em: 09 jan. 2024

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

